

xv semana de estudos clássicos da feusp

*experiência e
formação no
mundo antigo*

21-25 JUNHO

2021

inscreva-se em

WWW.PAIDEUMA.ORG



Comunicações e Resumos

PROGRAMAÇÃO

Terça-feira 22.06 | 10h às 12h30

Mesa 1 - Eixo temático: Estudos Clássicos e Educação

Mediador: Edson da Silva Afonso

Link: <https://meet.google.com/jwj-yhrq-eem>

Bárbara de Abreu Freitas | Mestranda em Filosofia, UFMG

A retórica filosófica no diálogo Fedro: a psykhagogía como modelo de aprendizagem.

Yasmin T. Jucksch | Doutoranda em Filosofia, FFLCH-USP

O Protágoras de Platão: as estratégias argumentativas socráticas na abordagem do problema da ensinabilidade das virtudes.

Edson da Silva Afonso | Doutorando, FEUSP

Metétrica e paideia no diálogo Político, de Platão.

Mesa 2 - Eixo temático: Releituras dos Clássicos

Mediador: Vicente Zatti

Link: <https://meet.google.com/iho-usot-adm>

José Roberto Nogueira de Sousa Carvalho | Graduando em Filosofia, UnB

A recepção da paideia platônica na paideia do Terceiro Reich: a experiência da Grécia como modelo de formação humana e política.

Mayra Silva dos Santos | Mestranda em História, Unifesp

Napoleão, herdeiro de Roma.

Gabriela Canazart | Doutoranda em Letras Clássicas, FFLCH-USP

A guerra em alguns símiles iliádicos.

Mesa 3 - Eixo temático: Estudos Clássicos e Educação

Mediador: Armando Silva Lima

Link: <https://meet.google.com/dfy-wtwi-quv>

Rafael Guimarães Tavares da Silva | Doutorando em Estudos Literários, UFMG
Homero, educador dos gregos?

Camila de Moura Silva | Doutoranda em Letras Clássicas, FFLCH-USP
A formação do poeta nas antigas Vidas de poetas gregos.

Matheus Barros da Silva | Doutorando em História, UFRGS
Παιδεία (paidéia) e φύσις (phýsis) na tragédia Filoctetes de Sófocles.

Mesa 4 - Eixo temático: Atualidade do Pensamento

Mediador: Daiane Lordeiro

Link: <https://meet.google.com/uxk-gpzj-ith>

José Elias de Sena | Mestrando em Letras Clássicas, FFLCH-USP
Entre a retórica, a dialética e o signo: a dimensão didática do De dialectica de Agostinho de Hipona.

Marciano Romualdo Araujo Cavalcanti | Mestrando em Filosofia, UFPE
Entre corpo e alma: o estatuto epistêmico da percepção desde uma leitura literária do Teeteto de Platão.

Raquel Goes Casini | Graduanda em Letras Modernas, FFLCH-USP
Lucrécio, seu mestre e a ciência moderna.

Quarta-feira 23.06 | 10h às 12h30

Mesa 5 - Eixo temático: Estudos Clássicos e Educação

Mediador: Danilo Patutti

Link: <https://meet.google.com/ybt-xgys-upw>

Gabriel Castilho de Andrade Gil | Doutorando em Estudos Literários, UFMG
Fábula esópica e didatismo na antiguidade greco-romana.

Giovanna Angela Agulha Sarti | Graduanda em Letras Clássicas, FFLCH-USP
Eros, Psiquê e a busca do conhecimento.

Danilo Patutti | Mestrando, FEUSP
O cultivo da atenção ensinado por Epicteto.

Mesa 6 - Eixo temático: Atualidade do Pensamento

Mediador: Vicente Zatti

Link: <https://meet.google.com/xat-gpfb-oqw>

Gilson Charles dos Santos | Doutor, UnB

Educação para a cidadania em Cícero.

Silvani Araújo de Souza | Graduanda em Letras, UEA

Mulheres mortas: uma análise comparativa dos falecimentos das personagens Dido, Inês de Castro, Lindoia e Moema.

Vicente Zatti | Pós-doutorando, FEUSP

Paideia, Humanitas e Bildung: a atualidade da educação como processo de formação humana diante do utilitarismo.

Mesa 7 - Eixo temático: Releituras dos Clássicos

Mediador: Edson da Silva Afonso

Link: <https://meet.google.com/cpm-sxvu-ejk>

Adrian Castro | Graduando em Filosofia, UFPA

O sofista e o contemporâneo: considerações acerca do movimento de volta às coisas da contemporaneidade na perspectiva dos estudos sofisticos.

Maria Clara da Cunha Machado | Mestranda em Estudos da Linguagem, UFF

O clássico em outras mídias: relendo a Odisseia em quadrinhos.

Claudio Walter Gomez Duarte | Universidade Metropolitana de Santos

Patrimônio Neoclássico Santista.

Mesa 8 - Eixo temático: Estudos Clássicos e Educação

Mediador: Bruno Drumond Mello Silva

Link: <https://meet.google.com/zfr-whdv-atw>

Elaine Cristine Sartorelli | DLCV, FFLCH-USP

O sal e o mel: o aprendizado pelo prazer segundo Erasmo de Rotterdam.

Moisés Antiquiera | História, Unioeste-Paraná

Formação letrada e escrita de si nas Histórias abreviadas de Aurélio Vítor.

Marcello Peres Zanfra | Doutorando em Letras Clássicas, FFLCH-USP

A recepção da comédia de Terêncio por São Jerônimo e a defesa de uma educação prazerosa: sobre o educar formal e literário.

Quinta-feira 24.06 | 10h às 12h30

Mesa 9 - Eixo temático: Estudos Clássicos e Educação

Mediador: Bruno Drumond Mello Silva

Link: <https://meet.google.com/ytj-cego-eqk>

Vanessa Loiola da Silva | Mestranda em Letras, UEA

As categorias do ser e as partes do discurso: bases das classes gramaticais?

Carmen L. Olmos de Aguilera | Université Jean-Moulin Lyon 3

Juan P. Prieto | Université Bordeaux Montaigne

Piedras en diálogo: una relectura aristotélica de la agencia epigráfica en la Atenas de los siglos V-IV a.C.

Bruno Drumond Mello Silva | Doutorando, FEUSP

As idades e os saberes: o currículo formativo na República de Platão.

Mesa 10 - Eixo temático: Estudos Clássicos e Educação

Mediador: Armando Silva Lima

Link: <https://meet.google.com/nmz-adsh-dmh>

Robson Soares Cabral de Oliveira | Mestrando em Filosofia, UERJ

Quando o filósofo se cala: a exortação de Clitofonte a Sócrates.

Bianca Vilhena Campinho Pereira | Doutora em Filosofia, PUC-Rio

O anthropos de Protágoras: do singular ao comum.

Armando Silva Lima | Mestrando, FEUSP

Platão e sua Apologia: uma possível leitura

Mesa 11 - Eixo temático: Releituras dos Clássicos

Mediador: Danilo Patutti

Link: <https://meet.google.com/toc-eoba-rpe>

Adriane da Silva Duarte | Docente, DLCV, FFLCH-USP

O ensino segundo Petrônio sob a ótica de Fernando de Azevedo.

Sara Anjos | Graduanda em Letras Clássicas, UFMG

Helenas: da antiguidade à contemporaneidade.

André Luiz Braga da Silva | Doutor em Filosofia, FFLCH-USP

Leituras do século XX sobre a Ideia de Bem na República de Platão: notas críticas.

RESUMO DAS COMUNICAÇÕES

Terça-feira 22.06 | 10h às 12h30

Mesa 1 - Eixo temático: Estudos Clássicos e Educação

Mediador: Edson da Silva Afonso

Bárbara de Abreu Freitas | Mestranda em Filosofia, UFMG

A retórica filosófica no diálogo Fedro: a psykhagogia como modelo de aprendizagem.

O diálogo Fedro é amplamente estudado pela tradição filosófica e, embora complexo estruturalmente, se juntarmos seus principais temas, – éros, psykhé, retórica e dialética-, se apresenta como uma das mais belas exposições de Platão. Em nossa análise procuraremos entender o entrelaçamento entre estes vários temas, que, embora aparentemente distintos, poderiam corroborar para uma exemplificação do discurso psicagógico. O termo psykhagogia (ψυχαγωγία) era entendido na Grécia como uma prática de invocar as almas dos mortos, ou também como encantamentos (ἐπωδή). Contudo, para o universo de Platão a psykhagogia é a condução da alma do interlocutor pelos discursos, sendo a habilidade retórica a técnica para tal percurso acontecer. Sócrates demonstra que a partir do conhecimento profundo da alma do ouvinte é possível, por meio das analogias e demonstrações, equiparar aquilo que é familiar e comum à alma do interlocutor ao que se pretende demonstrar. Para tal, é necessário um treinamento anterior: no qual será necessário saber antes de tudo o que é a alma (270d-e); quais tipos de almas existem; e quais tipos próprios de discursos para cada tipo de alma (271b). No decorrer de nossa apresentação buscaremos mostrar como o diálogo Fedro, em sua apresentação sobre a retórica psicagógica, apresenta um tema de grandiosidade atual, sendo a necessidade de adequação e direcionamento da fala ainda muito discutidos nos contextos de aprendizagem.

Yasmin T. Jucksch | Doutoranda em Filosofia, FFLCH-USP

O Protágoras de Platão: as estratégias argumentativas socráticas na abordagem do problema da ensinabilidade das virtudes.

No preâmbulo do Protágoras, Sócrates discorre sobre o poder nutritivo da educação sobre a alma, considerada mais valiosa do que o corpo (ὁ δὲ περὶ πλείονος τοῦ σώματος ἤγη, τὴν ψυχὴν, 313a7) e, por conseguinte, sobre a importância de se atentar para o sensato discernimento da qualidade desse “alimento”. Essa caracterização metafórica da educação introduz o problema central do diálogo: a virtude pode ser ensinada ou está presente nos homens por natureza, determinação divina ou acaso? Essa questão se coloca no contexto do contraste que Platão delineia entre a sofística e a filosofia, especialmente no que tange às reais vantagens que cada uma aduz no âmbito da educação das almas. No embate central que se dá no diálogo entre Sócrates e Protágoras, este último se declara apto a ensinar a tomar boas decisões (εὐβουλία, 318e5) nas questões privadas e públicas, e para bem agir e discursar (πράττειν καὶ λέγειν, 319a2). Mas Sócrates questiona a concepção protagórica de virtude e, de acordo com isso, se ela seria ensinável de fato, enquanto que ele próprio defende a posição de que a virtude, ao contrário das demais technai, é possuída por todos – o que seria

demonstrado pela deliberação democrática no tocante a temas políticos e judiciários –, não sendo, portanto, um tipo de conhecimento transmissível. No decorrer do diálogo, porém, as posições se invertem e a posição de Protágoras deixa entrever que ele não concebe a virtude como um conhecimento (para ele, homens ignorantes poderiam ser ao mesmo tempo virtuosos), enquanto que Sócrates chega à conclusão de que as virtudes são, na verdade, conhecimento. Nesse ponto, portanto, as posições sobre a ensinabilidade da virtude se invertem e o diálogo termina em uma aparente aporia. Nesse contexto, o objetivo desta comunicação é mostrar i) como Sócrates manobra o diálogo ao defender posições contrárias às suas próprias, para colocar em evidência a contradição no discurso de Protágoras que, embora afirme que a virtude seja ensinável, não acredita que ela seja conhecimento, e ii) que o Protágoras não é um diálogo aporético, mas que tem como propósito educativo mostrar que a virtude é essencialmente um conhecimento especial das medidas – aplicável em diferentes âmbitos da vida humana –, e que a educação, quando conduzida pela via da filosofia e portanto como boa nutriz, é capaz de conduzir a alma à sua mais excelente plenificação.

Edson da Silva Afonso | Doutorando, FEUSP

Metrética e paideia no diálogo Político, de Platão.

O trabalho trata da relação entre a noção de metrética (a arte da medida) e a concepção platônica de paideia, no Político. Nesse diálogo, Platão ressalta que alguns indivíduos estão aptos para a educação, enquanto outros, não. Ao mesmo tempo, reconhece que aqueles que podem ser educados possuem temperamentos diferentes, pois enquanto uns estão orientados para a coragem (andreia), outros estão para a moderação (sophrosune), e ambos devem ser educados para conviverem bem na cidade. É essa a ação educativa do homem régio diante dos diferentes temperamentos humanos: uma vez eliminado o verdadeiramente mau, combinará o impetuoso com o temperante de forma harmoniosa. Põe-se, assim, o problema a ser resolvido pelo político: como misturar adequadamente os temperamentos que se inclinam mais para a andreia com os que se inclinam mais para a sophrosune? Indicamos, sobremaneira, o papel fundamental da metrética para a ação educativa do político, que, dotado da referida arte, seria capaz de determinar o que é conveniente para a cidade a fim de aperfeiçoá-la e educá-la para a virtude. Para tanto, partimos da análise da curta passagem (279 a – 280 a) em que a personagem Estrangeiro discorre sobre a tecelagem, arte que serve de paradigma para a arte política, contendo elementos necessários para a definição desta. Em seguida, examinamos as ocorrências do termo metretiké na seção final do diálogo (283 c - 309 c), enfatizando a distinção entre as duas espécies de medida, quais sejam, a quantitativa e a qualitativa, e apontando o motivo pelo qual a segunda é condição para todas as artes, inclusive para a arte política. Depois, estabelecemos um contraste entre o Protágoras e o Político no que diz respeito ao tema da metrética. Examinamos, por fim, os componentes da virtude e os temperamentos humanos, com os quais o político deve saber fazer uma mistura harmoniosa, de acordo com a justa medida.

Mesa 2 - Eixo temático: Releituras dos Clássicos

Mediador: Vicente Zatti

José Roberto Nogueira de Sousa Carvalho | Graduando em Filosofia, UnB

A recepção da paideia platônica na paideia do Terceiro Reich: a experiência da Grécia como modelo de formação humana e política.

A recepção alemã no século XX dos textos de Platão contribuiu, tanto pela via filológica quanto pela filosófica e estética, para a legitimação do regime nacional-socialista. Todavia, essa apropriação por parte dos nazistas não foi somente uma legitimação, mas foi uma maneira de entender a Grécia, uma espécie de experiência que influenciou a maneira de entender e de reler a paideia que os gregos, e maxime Platão, deixaram para o Espírito alemão, verdadeiro herdeiro da Grécia. Propõe-se desenvolver, portanto, uma análise acerca do modelo de paideia que o pensamento nazista elaborou a partir dos textos de Platão, em especial, a República, tendo por horizonte teórico e conceitual a relação mesma do nazismo com a filosofia. A presente contribuição visa focar na forma com a qual movimentos como o Terceiro Humanismo e o Círculo de George abordam a obra de Platão (filologicamente e filosoficamente) para uma utilização e ideologização nacional-socialista. Os textos de Wilamowitz-Moellendorff; Werner Jaeger; Julius Stenzel; Stefan George; Kurt Hildebrandt; Joachim Bannes e Hans F. K. Günther foram de fundamental importância para a construção de uma interpretação baseada em uma afinidade (étnica e espiritual) entre o mundo grego de Platão e a Alemanha do início do Século XX. As interpretações deste período traçam, de maneira comum, um Platão político (que foi uma novidade interpretativa inaugurada pelo filólogo Wilamowitz), empregando um caráter biográfico na interpretação de seus escritos, utilizando-se, portanto, de relatos como o da Carta VII para destacar a formação humana e política presente na obra platônica. As leituras de um Platão político desembocaram em uma justificação do princípio da autoridade, tal como em uma eugenia inspirada nos textos da República e das Leis, denotando, portanto, como demonstra Simona Forti, uma biopolítica das almas.

Mayra Silva dos Santos | Mestranda em História, Unifesp

Napoleão, herdeiro de Roma.

Durante o império de Napoleão, o imperador teve sua imagem retratada das mais diversas formas, todavia, um acessório era quase sempre presente em suas representações: a coroa de louros, símbolo romano da vitória. As referências ao antigo não se limitavam a somente a este símbolo, no início 1800, o ainda cônsul Napoleão Bonaparte solicita a Antonio Canova, escultor e pintor italiano, uma escultura sua, ícone este que mostraria sua força enquanto herói nacional francês. Quando a obra fica pronta em 1806, Napoleão não seria retratado como um general de guerra francês, mas como uma figura em pé e nua, apenas com uma folha de parra cobrindo suas genitálias: era Napoleão representado como Marte, deus romano da guerra.

O antigo não seria usado somente para manifestações artísticas, a construção de sua imagem serviria como força política para apoiar a grandeza do império que estaria em ascensão.

Bonaparte se auto proclamava como “herdeiro de Roma” e sua imagem seria reflexo desta sua façanha. Não somente a imagem do Imperador seria modificada em função do Antigo, mas Paris seria transformada na capital de seu Império: o clássico se fazia presente no estilo arquitetônico que tomava a cidade, o Estilo Império. O antigo se torna parte do cotidiano da Paris Napoleônica, monumentos que parecem ter sido evocados do passado bordam a cidade, os valores romanos de César e Augusto, se tornam valores franceses, a identidade da nação é construída perante o imaginário do antigo projetado por Napoleão.

Para a presente comunicação, serão analisadas as representações de Napoleão que fazem menção ao passado romano, estudo este que faz parte de uma pesquisa mais abrangente para o mestrado em andamento sobre as utilizações do passado para a construção de três monumentos napoleônicos específicos, os quais também terão visibilidade durante a comunicação.

Gabriela Canazart | Doutoranda em Letras Clássicas, FFLCH-USP

A guerra em alguns símiles iliádicos.

Os símiles dos poemas homéricos, desde a antiguidade, compõem um objeto de estudo bastante profícuo. É comum que eles sejam tratados como um componente à parte do poema e que tenham seus elementos tradicionais deixados de lado em favor da singularidade da vinheta que apresentam. Entretanto, diversos estudos passaram a argumentar em favor da tradicionalidade de seus temas e de seus contextos de inserção, recuperando neles elementos que comunicam, por meio da linguagem poética tradicional que os compõe, mais do que está explícito na imagem apresentada. Os símiles homéricos que têm como tema a proteção materna geralmente têm sido lidos como ternos e como contendo imagens do cotidiano do receptor. Gaca (2008), no entanto, ao estudar o símile em Il. 16. 7-10 (no qual Pátroclo é como uma menina que chora enquanto puxa o vestido da mãe e lhe pede colo), até então visto pelos leitores, antigos e modernos, da *Iliada* como afetivo e representativo de um mundo sem guerra, argumentou que a imagem pode se referir a uma mãe que foge dos soldados que saqueiam uma cidade e capturam as mulheres e crianças. A partir dessa nova possibilidade de leitura, que ainda hoje concorre com a leitura mais corriqueira do símile, pretendo argumentar em favor de um contexto de guerra para as imagens dos símiles em Il. 4. 130-131 (no qual Atena protege Menelau como mãe que afasta mosca do filho) e em Il. 2. 271 (no qual Teucro se abriga atrás do escudo de Ajax como uma criança se esconde embaixo da mãe).

Mesa 3 - Eixo temático: Estudos Clássicos e Educação

Mediador: Armando Silva Lima

Rafael Guimarães Tavares da Silva | Doutorando em Estudos Literários, UFMG

Homero, educador dos gregos?

A centralidade de Homero é estrutural para obras clássicas sobre a história dos Estudos Clássicos, como as de Sir Sandys (1903-1908), Peck (1911) e Pfeiffer (1968), bem como para aquelas dedicadas à educação na Antiguidade, como as de Jaeger (1934-1945) e Marrou (1948). Aprofundando algumas das premissas subjacentes a essas propostas, classicistas exploraram a dimensão didático-pedagógico dos poemas homéricos e indicaram a existência de uma preocupação em transmitir ao público conhecimentos linguísticos, históricos, técnicos

e religiosos de diversas ordens: Havelock (1963) e Verdenius (1970; 1983) são alguns dos que se dedicaram a compreender os elementos fundamentais dessa “enciclopédia homérica”. Algumas dessas propostas – e outras, como as de Richardson (1975) e Cassio (2002) – levaram em conta ainda o desenvolvimento de uma dimensão pedagógica desse material a partir de sua recepção desde o final do período arcaico e todo o período clássico, com o trabalho de “professores homéricos” responsáveis por instituir reflexões e práticas pedagógicas em torno a esses poemas. Diante de todo esse material, a pergunta que dá título a esta apresentação pode parecer despropositada: afinal, restam dúvidas de que Homero teria sido o educador dos gregos? Revisitando a tradição hexamétrica arcaica – para além da *Ilíada* e da *Odisseia*, outros poemas considerados homéricos na Antiguidade; para além de Homero, os poemas atribuídos a Hesíodo –, pretendo sugerir que o modo como Homero foi privilegiado nas reconstruções da história dos Estudos Clássicos (e outros campos modernos, como a Educação e a Literatura) faz parte da criação de um mito moderno. O rebaixamento e a exclusão de tudo aquilo que não se afina à ideia romântica do gênio do povo grego antigo – isto é, Homero como autor da *Ilíada* e da *Odisseia* – são estratégias que falseiam a história antiga para forjar os pilares para uma história monumental da Antiguidade como origem da excepcionalidade da Europa moderna.

Camila de Moura Silva | Doutoranda em Letras Clássicas, FFLCH-USP

A formação do poeta nas antigas Vidas de poetas gregos.

É bem sabido que a poesia dos períodos arcaico e clássico desempenhou um papel central na educação dos antigos gregos. Porém, que tipo de formação receberam esses grandes educadores, cujas palavras consolidariam modelos ético-morais perpetuados por incontáveis gerações? A pergunta é instigante, mas as evidências documentais de que dispomos são menos do que esparsas. Contamos, por outro lado, com diversas *Vidas de poetas*, em sua maioria textos anônimos que amalgamam tradição e ficção em narrativas de contornos historiográficos. Essas antigas biografias começaram a ser escritas durante o período helenístico, séculos depois da época em que viveram os poetas em questão, e obedecem a uma estrutura mais ou menos fixa, na qual certos elementos são indispensáveis – filiação, local de nascimento, catálogo de obras, morte fantástica –, e outros ao menos bastante estáveis – infância, predestinação, eventos contemporâneos, sincronidades, culto após a morte etc. Se, por um lado, não devemos ler esses testemunhos como fontes fidedignas de informações históricas, por outro, eles refletem certas concepções antigas em torno da figura do poeta que são de sumo interesse para o pesquisador. Esta comunicação tem por objetivo apresentar as passagens mais relevantes das *Vidas* em que se alude à formação ou educação dos poetas gregos, dando especial destaque às tradições em torno de Píndaro, Sófocles e Eurípides, sobre os quais há mais informações dignas de comentário. Relacionando as passagens em questão à literatura especializada sobre os sistemas de educação na Grécia arcaica e clássica, em especial aos trabalhos de Mark Griffith, Henri-Irénée Marrou e outros, pretende-se lançar luz tanto sobre a questão colocada no princípio, a respeito da educação dos

mais eminentes educadores gregos, quanto sobre o imaginário antigo em torno do poeta, cuja aura heroica parece distanciá-lo da vida comum dos homens.

Matheus Barros da Silva | Doutorando em História, UFRGS

Παιδεία (paideía) e φύσις (phýsis) na tragédia Filoctetes de Sófocles.

O Filoctetes de Sófocles pode ser assim apresentado: no caminho à Troia Filoctetes foi ferido no pé por uma serpente divina. O ferimento não fecha e os gritos molesta os gregos. Odisseu, aproveitando um momento de sono de Filoctetes, abandona-o na ilha de Lemnos. Após dez anos, os gregos não chegam à vitória e são informados que o triunfo apenas virá quando Filoctetes for reintegrado ao exército heleno. À Lemnos, com o fito de capturar Filoctetes, partem Odisseu e o jovem filho de Aquiles, Neoptólemo. A ação da peça começa quando ambos pisam na ilha. A tragédia Filoctetes é exemplo de densidade ética em cena. A tensão dramática é construída na relação entre os personagens. O drama se fundamenta no contraste entre a figura de três personagens, duas delas estão em frontal oposição, trata-se de Odisseu e Filoctetes, e uma terceira, Neoptólemo que ora é atraído à esfera de Odisseu, ora se aproxima ao campo de influência de Filoctetes. A proposta desta comunicação impõe observar o jovem Neoptólemo como o eixo, a chave de leitura para se pensar os temas da παιδεία e φύσις. Nesse sentido me alinho à interpretação de Paul Mazon, tradutor e comentador do Filoctetes para edição de Les Belles Lettres, ao afirmar que “o verdadeiro herói da tragédia não é Filoctetes, mas sim Neoptólemo” (1990, p. 6). Contudo, deve-se observar que tanto Odisseu, como Filoctetes representam dois pesados universos éticos e culturais que são oferecidos a Neoptólemo como possíveis horizontes educacionais, formativos – uma παιδεία. Odisseu surge na ação do drama como promotor de práticas e formas de pensamento que operam nas sombras, nas ambiguidades do discurso, no engano, algo que para muitos comentadores remete ao movimento sofista. Aquele tipo de inteligência astuciosa que os gregos chamavam de μῆτις. Já Filoctetes representa o código de honra e conduta tradicional da elite arcaica-aristocrática, onde a franqueza no falar e nas ações ditam a vida. Neoptólemo se encontra no interior dessa disputa, e constantemente ao longo do drama usa como argumento sua natureza – φύσις – para justificar as ações tomadas ou evitadas. Nesse sentido, a comunicação pretende analisar a tragédia Filoctetes como expressão sociocultural que permite debater a temática da formação/educação na Grécia antiga e sua relação com o debate sobre natureza humana – φύσις – no contexto da póλις clássica.

Mesa 4 - Eixo temático: Atualidade do Pensamento

Mediador: Daiane Lordeiro

José Elias de Sena | Mestrando em Letras Clássicas, FFLCH-USP

Entre a retórica, a dialética e o signo: a dimensão didática do De dialectica de Agostinho de Hipona.

Inserido no quadro político de ascensão da Igreja Católica do fim do século IV e começo do século V, Agostinho, a partir de então, torna-se autoridade intelectual no Ocidente até, pelo menos, a época do Renascimento, sendo considerado tanto uma figura de importância singular na evolução do vocabulário intelectual europeu, como também alguém que iniciou toda uma nova perspectiva filosófica através de uma rica e meticulosa observância da realidade linguística. Isso pode ser testemunhado, ainda que em seus estágios iniciais, neste tratado inacabado que, segundo B. Darrel, um de seus principais comentadores da edição mais recente do texto latino, enquadra-se numa espécie de gênero de manual escolar, o qual a tradição medieval convencionou intitular De dialectica. Nele, além de breves comentários envolvendo tópicos referentes à retórica, à dialética e à gramática, podemos também reconhecer um esboço vigoroso de uma teoria do signo linguístico que surge como espécie de síntese no embate entre essas disciplinas que compõem o trivium no período medieval. Seria especialmente no De dialectica (387 d.C.), que Agostinho inauguraria sua opção por uma cultura essencialmente literária aliada muitas vezes a uma postura didática, cujos pilares estão sobretudo na dialética de tradição estoica e na retórica ciceroniana. A própria presença de uma sofisticada teoria dos signos em uma obra escrita em tom quase coloquial como o De dialectica, poderia ser explicada não apenas pela educação clássica que Agostinho recebeu na juventude frente ao desafio de criar uma leitura menos literal e mais didática e figural dos textos bíblicos, mas também por sua filiação original ao neoplatonismo e ao seu conhecimento das ideias estoicas. É com esse pequeno percurso que esta comunicação pretende ser uma breve apresentação do De dialectica agostiniano em sua dimensão didática, não sem o auxílio de trechos do latim onde o tom didático da linguagem de Agostinho se evidencie de maneira mais clara.

Marciano Romualdo Araujo Cavalcanti | Mestrando em Filosofia, UFPE

Entre corpo e alma: o estatuto epistêmico da percepção desde uma leitura literária do Teeteto de Platão.

Os intérpretes da filosofia platônica discutem sobre o papel epistêmico da percepção. Nesse contexto, não há consenso quanto à capacidade da percepção formular juízos, crenças ou opiniões. Pode-se dizer que a percepção é judicativa, ou que não produzimos juízo algum por ela. Contudo, só aquilo que é judicativo pode ser conhecimento. Se através da percepção formulamos juízos, então ela pode ser conhecimento. Nossa comunicação apresenta uma reconstrução literário-filosófica do diálogo Teeteto. Através dela, mostramos como o objetivo do diálogo é distinguir explicitamente a capacidade de perceber da de pensar. Conforme essa distinção, a percepção não parece ser capaz de produzir juízos. Portanto, seu caráter

judicativo é eliminado. É uma capacidade que pertence apenas à alma, diferente do trabalho que ela cumpre através do corpo. Isso elimina o estatuto epistêmico da percepção, mas não impede que ela exerça um papel para conhecermos. O percurso do nosso trabalho segue três momentos. De início, vamos expor a problemática em torno da percepção na filosofia platônica. No objetivo de mostrar porque respondê-la desde o Teeteto e, além disso, também revelar as principais posições para solucionar a questão. No entanto, o diálogo enseja longas disputas sobre como ler a obra de Platão. Assim, vamos expor as principais perspectivas sobre o assunto, para caracterizar e expor as razões pela opção de uma leitura literário-filosófica. Ao fim, exibiremos nossa leitura do prólogo, introdução e da chamada “primeira parte” do diálogo. Mostrando como a questão da alma e do corpo ressoam já no início do texto e como é desenvolvida na narrativa. Com isso, pretendemos mostrar um imperativo pela necessidade de esclarecer a atividade da alma no ato de conhecer. Assim, o diálogo distingue aquilo que ela faz através do corpo, ou seja, perceber, e aquilo que a alma faz através de si mesma, isto é, pensar. A percepção ganha um papel epistêmico ao passar pela atividade solitária da alma.

Raquel Goes Casini | Graduanda em Letras Modernas, FFLCH-USP

Lucrécio, seu mestre e a ciência moderna.

A presente comunicação tem por objetivo relacionar Lucrécio, autor do poema *De rerum natura* (Sobre a natureza das coisas), a seu modelo grego Epicuro e tratar da importância de tais autores para uma espécie de inauguração do pensamento científico moderno. A extensão de DRN faz com que o autor perpassa, em 6 grandes livros, questões relacionadas à ciência, aos fenômenos do mundo e da natureza, à peste presente em Atenas e tantos outros temas, narrados sempre em versos hexamétricos e precisões importantes do ponto de vista da elocução. Faz-se importante para a comunicação parte dos três elogios a Epicuro, feitos por Lucrécio nos livros 1, 3 e 5, e a relação dessas passagens com a construção da obra. A ideia de comunicação nasce da pesquisa de graduação realizada pela autora, sob orientação de Alexandre P. Hasegawa, em 2020, financiada pelo CNPq, mas trata de temas não analisados diretamente na Iniciação Científica e oferece traduções verso a verso e estudos sobre a métrica e a elocução de alguns trechos selecionados dos três elogios, além de quatro versos do livro 3. DRN trata diretamente de um pensamento científico e carrega em si diversas ideias que influenciaram grandes cientistas e pensadores a partir de sua redescoberta no Renascimento, por Poggio Bracciolini. Ainda que seja influência direta para o humanismo, DRN é poesia e, nessa comunicação, pretende ser exposto brevemente como poesia didática, além de cânone inaugural para o pensamento científico. O comentário, pensado para a duração de 20 minutos, contará com menção direta a 16 versos do poema, em latim, com comentários breves a respeito da linguagem lucreciana, do verso hexamétrico com intenção de relacionar sempre o texto latino com a influência de DRN, como poesia, na ciência e na formação em Letras Clássicas, em Ciências Humanas, mas não só.

Mesa 5 - Eixo temático: Estudos Clássicos e Educação

Mediador: Danilo Patutti

Gabriel Castilho de Andrade Gil | Doutorando em Estudos Literários, UFMG

Fábula esópica e didatismo na antiguidade greco-romana.

O objetivo desta comunicação é um breve comentário acerca de excertos de autores gregos e latinos que contribuem para o entendimento das relações possíveis entre o gênero literário "fábula esópica", em contextos antigos, e algumas formas do que, em sentido amplo, designaríamos "didatismo". Tal conceito, que situamos experimentalmente nesta pesquisa, será considerado em três de seus diversos modos de apresentação. Ele inclui a função ilustrativa que o fabulário do poeta Fedro (I d.C.) declara através da associação entre auto-instrução e divertimento privados, adultos, propiciados pela leitura. Do mesmo modo, liga-se a ele uma função escolástica da fábula, que compõe a formação de estudantes em gramática e retórica, como prescrevem Quintiliano (I d.C.) e os autores dos Progymnasmata. Por fim, para além dessas funções íntimas a uma cultura letrada, tal didatismo é performado na fábula enquanto expressão de moralidades e exemplaridades populares, rurais ou urbanas, e que declaram sua procedência da oralidade tradicional, quando aproximadas, por exemplo, a "histórias de velhinha[s]" (anilis fabulae).

A percepção moderna e, em certa medida, contemporânea, de fábula esópica como um gênero literário cujo público ideal é a criança e cujas funções se resumem amiúde a um propósito lúdico e pedagógico é fundamentalmente estranha à cultura greco-romana. Atentos a essa particularidade, defendemos que o pensamento antigo, ao estabelecer os diversos papéis que atribui ao gênero, prevê a infância, mas sem particularizá-la com tal exclusividade que seria criticada inclusive entre autores modernos, como Jean-Jacques Rousseau.

Como alicerce teórico para essa exposição, nos amparamos sobretudo nas obras de Morten Nojgaard (1964), Gert-Jan Van Dijk (1997) e Francisco Adrados (1999), cujas proposições conceituais acerca da fábula antiga buscam avaliar a recepção real e ideal desse gênero considerando seu inevitável diacronismo.

Giovanna Angela Agulha Sarti | Graduanda em Letras Clássicas, FFLCH-USP

Eros, Psiquê e a busca do conhecimento.

Dentre as obras do corpus platônico, Fedro e O Banquete se destacam no tratamento privilegiado sobre o amor. Eros, o deus comumente associado ao enlouquecimento e a perniciosidade da paixão, ganha um novo relevo na elaboração platônica: é um daimon, emissário entre o divino e mortal; é a falta que faz reconhecer a intrínseca natureza fragmentária do ser humano, e que por isso promove a busca pela reunião. Além disso, Eros traduzido em amor é a necessidade de possuir o bem eternamente, seja pela reprodução biológica, seja pela propagação do conhecimento que nos é caro e que, assim, desejamos ver

como perpétuo. Por meio destas elaborações dialógicas, Platão apresenta Eros como o propulsor na base da busca humana pelo conhecimento que nos falta.

A teoria erótica encontra fortes reverberações em Cupido e Psiquê, conto inserido no romance latino *O Asno de Ouro*, do orador e filósofo platonista Apuleio de Madaura (120-180). A narrativa transpõe a célebre alegoria da ascensão da alma ao plano divino, guiada pelo Amor, em busca das formas verdadeiras e da virtude - um recurso de paideia legitimado em Platão e reencenado em diálogo com o contexto narrativo da jornada de Lúcio, o protagonista transformado em asno pela luxúria, curiosidade irrefreável e pela magia.

No conto em questão, a bela princesa mortal Psiquê representa a alma humana, arrebatada por Cupido, o deus do amor. Contudo, ao sucumbir aos impulsos inferiores de curiosidade na busca do conhecimento proibido da identidade do marido, Psiquê decai do paraíso idílico no qual vivia com Eros. Abandonada, perdida e grávida, a heroína não tem outra saída que não render-se ao jugo e às provações de uma Vênus invejosa de sua beleza mortal. Pela sua persistência, pela ajuda de elementos naturais e pela intervenção final de Júpiter, Psiquê diviniza-se e legitimamente torna-se esposa de Cupido e mãe de uma deusa, a Volúpia.

Dentre as possíveis leituras do subtexto platônico no conto, os contornos narrativos exemplificam o processo de aprendizagem de Psiquê em aproximar-se de maneira reverente aos mistérios divinos - tal qual a parelha alada em Fedro, há uma disputa entre a racionalidade e as pulsões baixas da alma. Sua jornada é impulsionada por Eros, o amor, que a guia nas necessárias provações em busca de reunião com a natureza divina perdida e que, assim, permite o acesso a novos níveis de conhecimento.

Danilo Patutti | Mestrando, FEUSP

O cultivo da atenção ensinado por Epicteto.

Epicteto de Hierápolis, grego do primeiro século da era comum, foi discípulo de Musônio Rufos, “O Sócrates Romano” e herdou de seu mestre o interesse pela prática da philosophía. O léxico de Epicteto é repleto de termos ligados à experimentação filosófica: áskesis, epiméleia, gymnázo, érgon – exercício, cuidado, treino, trabalho. Há quem diga que o filósofo não é filósofo, pois não escreveu livros e nem falava corretamente. À primeira vista, os seus discursos taquígrafados por seu discípulo, o historiador Arriano de Xenofonte, não seriam senão interpretações menores de um pequeno intérprete da tradição estoica. Não obstante, superada a leitura distraída, as palavras faladas por Epicteto demonstram não apenas um filósofo, mas um educador. Como educador, preocupa-se com o aprendizado de seus discípulos, importa-se com as suas dificuldades empíricas do dia a dia e elabora estratégias pedagógicas. Como um verdadeiro mestre de philosophía pratica o que fala, fala o que pensa e ensina uma sabedoria viva, encarnada no seu corpo, na sua atitude perante a vida. O exercício, o cuidado, o treino, em suma, o verdadeiro trabalho que é aprender a arte da vida, a arte de cuidar de si mesmo sem esquecer do outro, e cuidar do outro sem esquecer de si mesmo, justifica o porquê Epicteto dedicou a sua vida inteira à prática e ao ensino e não à escritura de livros. A originalidade conceitual deriva da sua experiência vivida, da dificuldade que é nunca errar e sempre fazer boas escolhas; do empecilho que é a tendência esquecer qual

é o seu próprio bem; em suma, do permanente desafio de se manter atento a si mesmo, sempre e em todo lugar, para não descuidar da sua identidade e assim para conservar a atitude correta frente ao propósito da sua vida. A presente comunicação discorrerá sobre o caráter central do conceito de *prosokhé*, atenção, e para isso será necessário expor os conceitos de *proairesis*, capacidade de escolha; de *agathón*, bem; e de *philosophía*, para Epicteto, a saber, *bíon tékhnes*, arte da vida.

Mesa 6 - Eixo temático: Atualidade do Pensamento

Mediador: Vicente Zatti

Gilson Charles dos Santos | Doutor, UnB

Educação para a cidadania em Cícero.

A comunicação tratará do papel desempenhado pela retórica e pela filosofia na educação do homem público romano nas últimas décadas da república. Mais especificamente, meu objetivo é investigar o surgimento da noção de “educação para a cidadania”, conforme orientada nos tratados retóricos e filosóficos de Cícero, especialmente o *De Inventione*, o *De Oratore*, o *De Officiis* e as *Partitiones Oratoriae*. Meu argumento é o de que, ao enfrentar o problema do aprendizado meramente formal da retórica apresentado nos tratados escolares, Cícero defende uma educação mais abrangente do homem público tendo em vista o exercício da cidadania do modo como esse conceito era compreendido em sua época. O processo, que tem como ponto de partida o orador e a reação da audiência como ponto de chegada, pressupõe que o orador não apenas seja eloquente e tenha o máximo de controle possível sobre as técnicas de persuasão como ainda, agindo corretamente, esteja eticamente preparado para discursar. Nesse processo estão envolvidas as redefinições de orador e de eloquência a partir de lições filosóficas sobre o cidadão, sobre a cidade e, inclusive, sobre a vida em comunidade. Na identificação e na descrição desse processo, o método não será unicamente problematizar a definição de homem público em contexto histórico de mudança da forma de organização social; será, também, repensar a relação entre educação individual e valores coletivos. Portanto, ao relacionar educação, retórica e filosofia, pretendo oferecer um testemunho do surgimento da noção de “educação para a cidadania” que subjaz ao conceito de educação existente entre nós até os nossos dias.

Silvani Araújo de Souza | Graduanda em Letras, UEA

Mulheres mortas: uma análise comparativa dos falecimentos das personagens Dido, Inês de Castro, Lindoia e Moema.

As epopeias têm como característica as imitações e alusões usadas pelos autores nos poemas históricos e é por conta disso que se torna possível estabelecer variadas relações entre elas. Partindo desse pressuposto, este artigo propõe uma análise comparativa de cunho interpretativo das mortes das principais figuras femininas das seguintes épicas: *Eneida* (19 a.C) de Virgílio, *Os Lusíadas* (1572) de Camões, *O Uruguai* (1769) de Gama e *Caramuru* (1781) de Durão. Dar-se-á enfoque no fato de que os falecimentos das personagens Dido,

Inês de Castro, Lindoia e Moema tiveram como motivação a partida de seus amados, e assim, objetivamos fazer a análise de semelhanças e dessemelhanças encontradas nos episódios de cada morte, apontando algumas vertentes, tais como os contextos, estereótipos, o encaminhamento que se dá nas narrativas das personagens a partir da denominação “musa”, a idealização romantizada da mulher nos enredos como figura vulnerável aos sentimentos, sensível, delicada e endeusada, a culpabilização da personagem, neste caso, ao abordar o assassinato de Inês de Castro. O trabalho também evidencia e discute a hodiernidade que essas literaturas de época possuem acerca dos valores impostos às mulheres, apesar de distar centenas de anos em relação aos dias atuais. Para tanto, o artigo é pautado em pesquisas bibliográficas, cujas contribuições teóricas são de: Alcântara (2006); Costa (2008); Manso (2012); Moreira (2007); Pinezi (2020); Ribeiro (2007); Silva (2015); Smith e Cruz (2014); Strapasson e Dias (2016) e Viotti (1963).

Vicente Zatti | Pós-doutorando, FEUSP

Paideia, Humanitas e Bildung: a atualidade da educação como processo de formação humana diante do utilitarismo.

Especialmente a partir da modernidade o conhecimento é valorizado em função de sua utilidade. No processo de desenvolvimento das sociedades capitalistas a compreensão do que é o útil foi se restringindo àquilo que pode ser meio para alcançar fins econômicos, gerando como um dos seus desdobramentos o que denominamos utilitarismo em educação. Tal contexto renega a tradição literária filosófico-pedagógica ocidental, pois nela, a educação é compreendida como processo de formação humana, enquanto tal, com caráter desinteressado. Seu fim é formar o que não pode ser tomado como meio, a humanidade do homem, portanto, não pode ser reduzida a um fazer técnico e nem à capacitação para desenvolver certas habilidades utilitárias. A tradição a que nos referimos é composta por três grandes modelos educacionais, a Paideia grega, a Humanitas latina e a Bildung alemã. Eles apresentam a educação como processo de formação integral do ser humano, possuem em comum a ideia de que a grande finalidade da educação é desenvolver o mais perfectivamente possível a humanidade no homem, sua meta é o humano tomado como fim em si mesmo. Dado o fato de que o utilitarismo é um elemento que tenciona constantemente a educação contemporânea, apresentamos a revisão desses três modelos educacionais como uma referência fecunda para uma crítica às tentativas de reduzir a educação a uma mercadoria e à instrumentalização para a realização de fins econômicos. A educação como processo de formação humana é uma arte de cultivo do humano, ela depende de uma série de saberes humanísticos que não possuem utilidade econômica imediata, mas que são vitais para todos.

Mesa 7 - Eixo temático: Releituras dos Clássicos

Mediador: Edson da Silva Afonso

Adrian Castro | Graduando em Filosofia, UFPA

O sofista e o contemporâneo: considerações acerca do movimento de volta às coisas da contemporaneidade na perspectiva dos estudos sofisticos.

O distanciamento entre o arraigado idealismo da filosofia e a produção filosófica no século XX selou a particularidade que faz possível pensar a diferenciação entre período moderno e o contemporâneo para a história da filosofia, sendo um caráter central das correntes filosóficas que virão surgir neste século. Este movimento de “retorno as coisas”, presentes na fenomenologia, no pragmatismo, como também nos estudos sobre a linguagem e ideologia, nos permite atar laços com outro movimento, ocorrido ainda na antiguidade grega: o movimento sofista. O presente ensaio, utilizando-se da interpretação da contemporaneidade de Benedito Nunes em *Filosofia Contemporânea*, e de Agamben no texto *O que é contemporâneo?*, pretende elencar nuances dentro do pensamento contemporâneo que o aproxime dos objetos de estudo e abordagem da filosofia do movimento sofista, a fim de evidenciar a relevância deste para os estudos do nosso período filosófico. Para isso, será apresentada duas abordagens de pesquisa na área da filosofia dentro da contemporaneidade a cargo de exemplificação: uma que seguirá os estudos acerca da Linguagem, nas influências dos jogos de linguagem de Ludwig Wittgenstein em comparação com o pensamento de Antifonte em *Acerca da Verdade e Acerca do Consenso*, assim como a psicanálise de Jacques Lacan em consonância com o *logos-pharmakon* (discurso remédio/veneno) de Górgias, pela interpretação de Barbará Cassin em *Jacques o Sofista*; Da mesma forma, a outra tratará sobre os estudos de gênero e raça, na abordagem do subalterno, trazido por Susan Jarrat em *Rereading the Sophists: classical rhetoric refigured* ao tratar das teorias feministas em proximidade com as do movimento sofista, assim como a filosofia de Achille Mbembem no que tange ao conceito de necropolítica, colocando-a sob mesma proximidade, reforçados na discussão sobre a arete (excelência) humana em Mênone sobre a convenção da moralidade, ambos tratados em *Sophistic Movement* de Rachel Barney.

Maria Clara da Cunha Machado | Mestranda em Estudos da Linguagem, UFF

O clássico em outras mídias: relendo a Odisseia em quadrinhos.

Quando se pensa na tradução de obras da literatura clássica, imediatamente vem à mente as dificuldades inerentes a se estar lidando com uma língua que não é mais falada na modernidade, porém, a proposição de uma tradução intersemiótica para quadrinhos traz ainda uma nova gama de desafios, principalmente considerando-se que a práxis mais usual desse projeto tradutório busca acomodar um enunciatário mais amplo. O presente trabalho visa analisar um outro tipo de práxis de produção, apresentando uma possibilidade de manutenção das diversas camadas significativas da obra de partida, dentro dos planos de expressão específicos dos quadrinhos, através da análise da tradução da Odisseia de Homero para o quadrinho homônimo, idealizado pela professora Thereza Virginia Barbosa e ilustrado por Piero Bagnariol, publicado em 2013 pela editora Peirópolis. Analisa de que maneira narrativas, temas e efeitos de sentidos caros ao poema homérico do século VIII a. C., e ao seu estudo ao longo dos séculos, foram imaginados e aplicados, de forma a manter a tonicidade do texto grego, em um projeto de tradução dessa obra para a linguagem dos quadrinhos e todas as suas características inerentes. Dessa forma, busca-se defender que essa releitura da Odisseia ao mesmo tempo reconstrói o texto clássico

em uma nova linguagem para aqueles conhecedores da obra original quanto pode ser utilizado como um material de inserção na literatura clássica por entrar em contato com uma forma de linguagem cara aos jovens do século XXI.

Prof. Dr. Claudio Walter Gomez Duarte | Universidade Metropolitana de Santos
Patrimônio Neoclássico Santista.

Esta comunicação objetiva apresentar um panorama da arquitetura neoclássica, trazendo um exemplo importante da cidade de Santos. Santos teve uma arquitetura neoclássica significativa que, com o avanço da urbanização, foi gradativamente perdida. O estudo de caso apresentado é a análise da fachada da Casa de Frontaria Azulejada de 1865, um icônico e bem preservado representante da arquitetura neoclássica santista. Para isso, comparamos a fachada dessa casa com as seguintes edificações: a Antiga Alfândega de Santos, a Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, a Academia Pernambucana de Letras, em Recife, e o Arco de Adriano, em Gerasa. Concluímos que essas edificações guardam relevantes correspondências arquitetônicas. Mais do que um estilo que antecipa o ecletismo, o neoclássico foi um movimento cultural que surgiu na Europa em meados do século XVIII. Foi uma reação racional à emotividade barroca do século XVII o que gerou o neoclassicismo. Este movimento é composto, por um lado, por um aspecto revivalista; e por outro, por um aspecto de fantasia, de imaginação – que cria um “clássico” que é, antes de tudo, um limiar da modernidade. Na arquitetura, o termo neoclássico significa uma apropriação adequada ou sóbria da linguagem arquitetônica grega e romana. Apresentam-se como principais características dessa arquitetura a adoção das ordens arquitetônicas gregas (dórica, jônica, coríntia) e das ordens romanas (toscana e compósita). A simetria é sempre uma característica fundamental, ao empregar com precisão elementos típicos como: frontão triangular, colunatas e arcos plenos.

Mesa 8 - Eixo temático: Estudos Clássicos e Educação
Mediador: Bruno Drumond Mello Silva

Elaine Cristine Sartorelli | DLCV, FFLCH-USP

O sal e o mel: o aprendizado pelo prazer segundo Erasmo de Rotterdam.

Erasmo de Rotterdam (1466-1536) já havia obtido reconhecimento e prestígio pelos seus *Adágios* (1500) e principalmente pelo seu *Enchiridion*, o *Manual do Soldado Cristão* (1503), quando, em viagens a Inglaterra, a partir de 1506, conheceu Thomas More e também, provavelmente, Luciano de Samósata. Foi sob a influência paródica do satirista sírio, que More e Erasmo traduziram do grego para o latim, que o holandês substituiu o tom didático à maneira da *imitatio Christi* para usar do humor e da ironia para fustigar os costumes. Assim nasceu o *Elogio da Loucura*, “uma das criações mais iminentes do riso carnavalesco na literatura mundial” (Bakhtin). Prevendo que sua inserção no universo da sátira menipeia e do elogio paradoxal haveria de causar reações negativas por parte de seus leitores, Erasmo publica uma carta a More como prefácio ao seu encômio, em que apresenta o catálogo de

seus modelos. Posteriormente, na carta a van Dorp em que justifica ter escrito o que pode ser considerado “tolices mais frívolas do que aquilo que é decente para um teólogo, ou, por outro, mais mordazes que o conveniente para a modéstia cristã”, apresenta sua teoria do humor: seus objetivos, suas características, sua medida. E, filiando-se mais à sátira menipeia, sem a pretensão de atacar alguém em especial, propõe toda uma didática pelo riso e pelo prazer. Temos, assim, o riso moralizante da sátira em geral, mas também o riso como componente pedagógico: como o mel com que o médico disfarça o gosto amargo do remédio, o prazer é a porta por onde o ensinamento pode penetrar mesmo nas mentes mais renitentes. Esse mesmo ponto de vista se reflete também no método educacional erasmiano. Neste, a comédia terenciana ocupa lugar privilegiado, servindo também de porta de entrada para o universo dos autores clássicos.

Moisés Antqueira | História, Unioeste-Paraná

Formação letrada e escrita de si nas Histórias abreviadas de Aurélio Vítor.

Nas “Histórias abreviadas” escritas por Sexto Aurélio Vítor (c. 320-390) por volta do ano 361, a formação letrada e a eloquência consistem em um dos principais elementos a partir dos quais o autor narrava e avaliava os modos de vida e as ações dos imperadores romanos, desde o reinado de Augusto (27 AEC-14 EC) até o de Constâncio II (337-361). Ainda que se tratasse, pois, de uma característica biografizante comum à escrita da história durante a Antiguidade Tardia, na obra de Aurélio Vítor a ênfase concedida à formação/cultura letrada adquire um sentido notadamente pessoal: por exemplo, o autor condicionou a ascensão social por ele vivenciada aos “nobres estudos” (studiis honestiorem) aos quais havia se dedicado, em que pesasse o fato de ter “nascido no campo de um pai pobre e inculto” (rure ortus tenui atque indocto patre) (Aur. Vict. 20.5). Desta maneira, a narrativa é permeada por aspectos tangentes à construção de uma memória de si por parte de Aurélio Vítor, em que a instrução nas bonae artes (“artes liberais”) equivalia a um fator distintivo por intermédio do qual o autor ansiava por ser lembrado. Nesses termos, pretendo explorar essa dimensão autorreferencial observada nas “Histórias abreviadas” a fim de analisar de que forma as menções a saberes e práticas “educativas” configuravam uma estratégia discursiva mediante a qual Aurélio Vítor visava engrandecer a si próprio diante de seus potenciais leitores/ouvintes, a despeito de suas origens familiares e provinciais que o situavam dentre os humiliores no mundo imperial romano do século IV.

Marcello Peres Zanfra | Doutorando em Letras Clássicas, FFLCH-USP

A recepção da comédia de Terêncio por São Jerônimo e a defesa de uma educação prazerosa: sobre o educar formal e literário.

Autor clássico do século IV d.C., Eusébio Sofrônio Jerônimo (São Jerônimo, para o catolicismo) conquistou seu lugar no cânone literário ocidental principalmente pela tradução da Bíblia para o latim, a Vulgata. Jerônimo, todavia, foi profícuo autor, responsável por um corpus epistolográfico de mais de 150 exemplares, tratados teóricos sobre questões polêmicas na cristandade e de longas obras exegéticas a diversos livros das Escrituras.

Outro ponto marcante em suas obras foi o uso de referências clássicas para as mais diversas finalidades retóricas, um aspecto que lhe rendeu acusações acerca de um suposto mau-gosto e de excessivo apreço para com os chamados “pagãos”. Dentre os autores amiúde trazidos por Jerônimo, destacam-se o orador Cícero, os poetas Virgílio, Horácio, Pérsio e Juvenal, bem como aquele que é, em seu entender, o modelo máximo para a comédia, Terêncio. De acordo com o autor, as reminiscências de sua erudição clássica se devem ao período de estudo em Roma, com então 12 anos, sob a orientação do célebre gramático Élio Donato.

O objetivo desta comunicação é demonstrar em que medida é possível vislumbrar uma “pedagogia pelo prazer” a partir de indícios textuais do corpus jeronimiano. Para tanto, destacamos algumas de suas narrativas acerca da experiência escolar formal: algumas são marcadas pelo fracasso e cansaço diante da rigidez do formato, enquanto outras demonstram que a aprendizagem associada ao bem-estar e ao prazer podem oferecer resultados efetivos, seja quando Jerônimo era estudante, seja quando exerceu docência em seu monastério no período em que permaneceu em Belém. Ademais, intentamos demonstrar o quanto do “prazer da aprendizagem” está ligado ao uso do riso e da comédia como recurso didático e moralizante, prática histórica das escolas romanas que o Jerônimo-aluno também vivenciou.

Por fim, demonstraremos o quanto dessa educação pelo riso em Jerônimo transcende os muros da escola e se torna parte de seu programa retórico-literário, voltado para vituperar e corrigir os costumes de homens e mulheres leigos ou eclesiásticos em seu tempo. Essa postura satírica consagrada pela máxima *ridendo castigat mores* se constrói, em Jerônimo, não apenas por alusões aos poetas sabidamente satíricos, mas por recriações e reaplicações de cenas da comédia de Terêncio em seu próprio tempo.

Quinta-feira 24.06 | 10h às 12h30

Mesa 9 - Eixo temático: Estudos Clássicos e Educação

Mediador: Bruno Drumond Mello Silva

Vanessa Loiola da Silva | Mestranda em Letras, UEA

As categorias do ser e as partes do discurso: bases das classes gramaticais?

Este trabalho tem por interesse a gramática como disciplina essencial para os estudos da linguagem que surgiram e se desenvolveram na sociedade grega na Antiguidade. Dada a importante contribuição da civilização grega nos estudos da linguagem, recolhemos a figura do filósofo Aristóteles (384 – 322 a.C) como um de nossos principais teóricos, tomando como aporte sua obra *Categorias*. O segundo teórico é o gramático Dionísio Trácio e a sua *Tekhnē Grammatikē*, tratando das partes do discurso da língua grega. A pesquisa investiga uma possível conexão ou influência a respeito da classificação feita pelo filósofo grego sobre as categorias do ser e a classificação feita pelo gramático grego acerca das oito partes do discurso. Nas *Categorias*, baseando-se em suas reflexões e estudos da linguagem, Aristóteles propõe uma divisão das categorias do ser, com as quais todo ser existente poderia ser classificado e definido para melhor entendimento da realidade. O erudito grego elenca, então,

as dez categorias do ser: substância, quantidade, qualidade, relação, onde, quando, posição, estado, fazer e sofrer. A substância é a principal categoria, pois é dela que decorre a existência das demais. A coisa existente é a substância, e os acidentes são as coisas existentes na substância. Já Dionísio (170- 90 a.C.) foi um gramático, filólogo e crítico grego, conhecido como o autor da primeira gramática escrita no ocidente. A *Tekhnē Grammatikē* de Dionísio consistia num pequeno manual, onde o autor apresenta uma explicação da estrutura do grego e cuja única omissão diz respeito à sintaxe. O sistema de classes de palavras e os modelos de análise morfológica presentes na obra, porém, estabeleceram as bases das formulações sintáticas posteriores. Dionísio foi o primeiro a fazer uma descrição ampla e sistemática da descrição já publicada sobre as oito partes do discurso da língua grega: nome, verbo, particípio, artigo, pronome, preposição, advérbio e conjunção. A análise aponta que Dionísio demonstra ter alguma influência de Aristóteles, uma vez que a definição apresentada por Aristóteles, ainda no âmbito da filosofia, não difere em essência da maioria das definições apontadas pelo gramático.

Carmen L. Olmos de Aguilera | Université Jean-Moulin Lyon 3

Juan P. Prieto | Université Bordeaux Montaigne

Piedras en diálogo: una relectura aristotélica de la agencia epigráfica en la Atenas de los siglos V-IV a.C.

Durante las últimas décadas, el problema de la definición y consecuencias de la Agencia ha influenciado en gran medida el estudio de la materialidad en la Antigüedad y sus ramificaciones sociopolíticas. En específico, las disciplinas del Arte, Arqueología, antropología, Historia y Epigrafía han integrado gran parte de sus aparatos críticos y terminológicos con éxito y popularidad, principalmente a partir del trabajo de Alfred Gell “Arte y Agencia: una teoría antropológica”.

Como consecuencia, estas disciplinas han tendido una y otra vez a distanciarse del debate filosófico de la Agencia en el mundo clásico. Por lo tanto, en base a estas condiciones, a partir del contexto histórico específico de la Atenas de los siglos V y IV a.C. como casos de estudio, un diálogo introductorio entre Epigrafía y Filosofía es aquí propuesto. En primer lugar, se explicarán las definiciones de Agencia aplicadas por los estudios epigráficos así como las principales categorías Aristotélicas equivalentes a esta categoría. En segundo lugar, se expondrán las consecuencias heurísticas para los historiadores y epigrafistas de interpretar la Agencia en términos estrictamente antropológicos, con especial énfasis en las estelas honoríficas y sus inscripciones.

Finalmente, con el fin de determinar si las concepciones clásicas de Agencia son aplicables a las estelas, tres ejemplos serán expuestos y analizados: los mojones del ágora ateniense del 500 a.C. (I 7039 - I 5510), el juramento de Demophantos del 410 a.C. (Andok.1.96-8, Dem.20.159, Lyk.Leok.124-7) y la ley ateniense contra la tiranía del 337/6 a.C. (I 6524).

Bruno Drumond Mello Silva | Doutorando, FEUSP

As idades e os saberes: o currículo formativo na República de Platão.

O objetivo do presente trabalho consiste em apresentar o currículo formativo ideal proposto por Platão, na República, destacando o vocabulário relativo às idades e aos saberes específicos que lhe correspondem, compreendidos na chave das experiências educativas. Partindo da breve exposição da estrutura da alma, em Rep. 440e ss., passando à identificação dos três estágios da formação individual, – a saber, infância e juventude (Rep. Livros II e III), e maturidade (Rep. Livros VI e VII) – para, em seguida, detalhar os saberes e as estratégias pedagógicas relativas a cada um desses estágios, procurei relacionar os diversos mecanismos e disciplinas empregados na “paidéia” do rei-filósofo, com seu efeito relativamente a cada parte da alma. Assim, por exemplo, durante a infância, quando a alma ainda não dispõe do aparato noético apropriadamente desenvolvido (Cf. 378d), a música, por suas características intrínsecas, demonstra ser o mecanismo apropriado a este estágio, na medida em que é capaz de transmitir, através de imagens poéticas, os princípios morais e cívicos necessários à harmonia da alma e da cidade, contribuindo na formação de indivíduos “cumpridores da lei e honestos” (424e). Posteriormente, serão educados na ginástica, para que, devido ao convívio excessivo com a música, não se tornem preguiçosos e percam a irascibilidade que lhes convém (Cf. 410d-411c). Uma vez concluído este estágio (Cf. 412a), e tendo demonstrado em todas as situações a qualidade de sua formação, dentre estes indivíduos que serão escolhidos os guardiões da República (Cf. 412d-414a), os quais serão então submetidos a um currículo superior, composto por disciplinas cuja finalidade é aprimorar justamente o “elemento noético” da alma, tornando-os aptos, pela educação e pela idade (Cf. 487a), a governar e legislar de acordo com a “visão do bem em si”, utilizando-a “como paradigma para ordenar a cidade, os particulares e a si mesmos” (Cf. 540b).

Mesa 10 - Eixo temático: Estudos Clássicos e Educação

Mediador: Armando Silva Lima

Bianca Vilhena Campinho Pereira | Doutora em Filosofia, PUC-Rio

O anthropos de Protágoras: do singular ao comum.

Assentados em diversas fontes, mas principalmente no Teeteto de Platão, busca-se compreender a dimensão do termo *ánthropos* na famosa sentença de Protágoras. Segundo a crítica platônica, Protágoras parece entender o corpo e a alma como diferentes tipos de percipientes: os órgãos sensoriais corporais percebem a aparência imediata de um tipo particular de qualidade que corresponde a esse órgão; a alma, por sua vez, ‘percebe’ por ter julgamentos admitidos pela aprendizagem e experiência. A alma é considerada como produtora de realidades instantâneas e não uma instância racional a priori, não havendo, portanto, distinções substanciais entre corpo e alma. Quando, no Teeteto, nos é dito através da doutrina secreta que o branco que é percebido não está no objeto, tampouco nos olhos de quem percebe, Platão nos faz constatar a impossibilidade da relação direta com o real e insinua que, já que, segundo em doutrina em análise, nada é em si mesmo, mas apenas para quem o experimenta, quem percebe deve ter dentro de si o critério pelo qual avalia as coisas. Entretanto, isto não significa que se deve, como muito foi feito, atribuir à tese do homem-

medida uma posição subjetivista da realidade, e, embora preferível a alcunha de objetivista, é anacrônica a dicotomia subjetivismo/objetivismo para o pensamento de Protágoras. Para Protágoras as realidades instantâneas que aparecem ao homem vêm mediadas pela doxa, o discurso comum, ou seja, é o logos que mede e dá a medida de todo o aparecer. A phantasia possui inteligibilidade porque é algo entre a percepção (individual, irrepetível e única) e a doxa, relativa ao que é comum, o discurso partilhado pela polis. O homem-medida protagórico, do tema da realidade sensível, conduz-nos à formulação do problema em termos de julgamento e opinião, e a medida, que inicialmente é atribuída a cada indivíduo, para além de cada homem, passa a ser pensada como cada cidade

Robson Soares Cabral de Oliveira | Mestrando em Filosofia, UERJ

Quando o filósofo se cala: a exortação de Clitofonte a Sócrates.

O Clitofonte é um diálogo do corpus platonicum de autoria incerta onde testemunhamos um discurso protréptico de Clitofonte, personagem epônimo do diálogo, que põe em revista a atividade filosófica de Sócrates. Nele, vemos uma descrição da atividade socrática em dois passos: (1) enquanto prática protréptica, que exorta os homens ao cuidado com a educação moral, pautada na necessidade do aprendizado da virtude da à alma, já que a educação corrente – fundada na instrução da música, da ginástica e das letras –, seria insuficiente para retirar os homens do estado de ἀμουσία em que vivem e torna-los verdadeiramente virtuosos e justos; (2) enquanto procedimento elêntico, que, na tentativa de investigação conjunta do que é a virtude e como pode o homem vir a ser virtuoso na prática, acaba sempre por reduzir a discussão à aporia. Nessa perspectiva, buscarei expor a crítica feita à atividade socrática no diálogo, que distingue o que é censurável e elogiável na prática filosófica de Sócrates. Mostrarei como, por um lado, ela é dita elogiável e benéfica, uma vez que desperta no homem o interesse pela virtude da alma e pelos meios de vir a ser de fato feliz; e como, por outro, ela é dita ser, senão pernicioso, de todo inócua, pois, quando um homem já compreende o valor da virtude, Sócrates é incapaz de ir além da exortação e do elogio da virtude, não sabendo dizer nem o que é a virtude nem como pode o homem vir a ser virtuoso na prática. A partir da exposição dessa crítica, terei como objetivo principal mostrar que, em uma certa leitura, podemos ver no Clitofonte não apenas um ataque ao âmago da “ética socrática”, mas também um esforço de reorientação aos princípios pelos quais a discussão ético-pedagógica deve ser pautada, se não quiser se perder em meras palavras. Por fim, discutirei como esse esforço de reorientação pode ter encontrado reflexo na base da discussão ética de certos diálogos de Platão, bem como na de Aristóteles.

Armando Silva Lima | Mestrando, FEUSP

Platão e sua Apologia: uma possível leitura

Esta comunicação analisa o cenário do tribunal ateniense apresentado por Platão na Apologia de Sócrates, a fim de reconhecer de que modo a personagem Sócrates, sob a condição de réu, apropriou-se de determinados expedientes da oratória judiciária, no intuito de realizar um discurso protréptico. Desse modo, pretende-se compreender a retórica forense – que tanto foi

motivo de crítica de Sócrates em outros diálogos platônicos – como possível instrumento comunicativo encontrado pelo réu naquele ambiente para poder exortar à filosofia. Assim, ao ter como base os aspectos retóricos apresentados na referida obra – como, por exemplo, as partes pronunciadas no primeiro discurso da defesa: exórdio, proposição, refutação, digressão e peroração –, é possível observar um Sócrates empenhado, a todo instante, em desmentir as calúnias a seu respeito, quais sejam: a de não acreditar nos deuses da cidade, a de acreditar em outras divindades e, por fim, a de corromper a juventude. Em uma primeira leitura, nota-se que Sócrates, na posição de orador, paulatinamente desmantela os argumentos dos detratores antigos, vinculados aos poetas cômicos; bem como os dos detratores oficiais, quais sejam, Ânito, Meleto e Lícon. Contudo, no desenrolar da elocução, verifica-se que o réu não se encontra apenas preocupado em rebater as denúncias que o conduziram ao tribunal. A sua exposição oral, à medida que demonstrava as falácias dos denunciantes, também conseguiu, com efeito, exercer uma atividade pedagógica, cujo escopo principal era encorajar a audiência a conhecer, ainda que minimamente, alguns princípios daquilo que o protagonista compreende como missão exigida pela divindade délfica. O tribunal, portanto, mais do que um local que condenou Sócrates à morte, constituiu um palco no qual a multidão presente teve a experiência de conhecer uma atividade, um modo de vida – e porque não – uma paideia chamada philosophía.

Mesa 11 - Eixo temático: Releituras dos Clássicos

Mediador: Danilo Patutti

Adriane da Silva Duarte | Docente, DLCV, FFLCH-USP

O ensino segundo Petrônio sob a ótica de Fernando de Azevedo.

Fernando de Azevedo (1894-1974) foi sociólogo, importante formulador e gestor de políticas educacionais, fundador e professor da Universidade de São Paulo, de onde se aposentou em 1961. Embora sua contribuição para o campo da educação e do estudo da cultura nacional tenha sido bem avaliada, é quase nula a atenção que receberam os seus escritos sobre língua e literatura latina, conforme levantamento de Silva (2020, loc. 3761), em SILVA, J. C. S.; VIDAL, D. G.; ABDALA, R. D. Fernando de Azevedo em releituras. Sobre lutas travadas, investigações realizadas e documentos guardados(2020). Azevedo começou sua trajetória como professor de latim em Belo Horizonte e São Paulo, ocupando a primeira cadeira dessa disciplina na Escola Normal, hoje Caetano de Campos, em 1920. Como parte da atividade docente, publicou ao menos quatro livros que refletem essa condição. Essa comunicação busca investigar como as obras dos antigos, em especial o Satíricon, de Petrônio, despertaram suas reflexões sobre o ensino, que, depois, vieram a tomar forma no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) e em outras ações como reformador do sistema de ensino. Ao romancista latino dedicou o ensaio “No tempo de Petrônio”, em No tempo de Petrônio. Ensaios sobre a Antiguidade Latina (1923), obra de maior repercussão nessa área de estudo. Em uma seção do ensaio, intitulada O ensino segundo Petrônio, Azevedo parte da descrição que o autor latino faz do ensino romano para oferecer um diagnóstico da escola de seu tempo.

Sara Anjos | Graduanda em Letras Clássicas, UFMG

Helenas: da antiguidade à contemporaneidade.

A partir dos estudos de recepção, pretendo propor uma comparação entre a personagem Helena dos poemas homéricos, *Iliada* e *Odisseia*, e aquela que foi recriada pela série “*Troy: Fall of a City*” [Troia: A queda de uma cidade], de 2018, da BBC One, depois disponibilizada pela Netflix. Minha abordagem pauta-se nos estudos de recepção clássica propostos por Lorna Hardwick e Christopher Stray (2008), John Winkler (2009) e Anastasia Bakogianni (2018). Buscarei salientar a importância dos estudos de gênero, à luz do que sugerem Sorkin Rabinowitz e Amy Richlin (1993) e Sarah Pomeroy (1995), para a sobrevivência e reinvenção dos clássicos na contemporaneidade como alternativa a abordagens mais tradicionais, propondo criações de novas possibilidades (ou não) do feminino. Valendo-me do exemplo dessas Helenas, inseridas em contextos bastante distintos, pois a primeira é a Helena dos poemas homéricos, no tempo arcaico, enquanto a segunda é a Helena da produção audiovisual, contemporânea. Proponho uma comparação dessas duas personagens que pode desvelar as potências há muito relegadas das personagens femininas antigas, tal como Helena, pela tradição clássica.

André Luiz Braga da Silva | Doutor em Filosofia, FFLCH-USP

Leituras do século XX sobre a Ideia de Bem na República de Platão: notas críticas.

No Livro VI da República de Platão, vemos a exposição de um dos pontos centrais da obra, a Ideia de Bem. A exposição é feita pelo personagem Sócrates na forma daquilo que ficou conhecido nos estudos clássicos como o *símile* ou a *imagem do Sol* (República VI 508a4-509c4). Na tradição interpretativa desse diálogo, a leitura mais frequente da passagem é a de que, nela, a divisão traçada entre “visível” e “inteligível” funcionaria como uma divisão da realidade. A partir dessa divisão, entendeu-se que estaria em jogo no *símile do Sol* uma espécie de dualismo ontológico. Contra esta leitura, Alexander Ferguson apresentou, através da publicação de dois artigos (1921 e 1922), uma nova possibilidade de interpretação do trecho. Em essência, a ideia principal do estudioso é extremamente simples: na passagem do Sol, o “visível” não tem o sentido que a tradição sempre lhe deu, porém ele seria única e exclusivamente uma imagem, símbolo ou metáfora para o “inteligível”; e esse estatuto não se modificaria em momento nenhum no decorrer dos Livros VI e VII da República. A simplicidade dessa tese inicial, todavia, contrasta com o poder de suas consequências: sendo o que é chamado de “visível” no *símile* apenas um símbolo e em hipótese alguma uma “parte” da realidade, não haveria implicações ontológicas do *símile*, no sentido de uma divisão da realidade em dois. Para Ferguson, qualquer dualismo metafísico que a tradição viu no *símile do Sol* e no tratamento da Ideia de Bem na República decorreu de uma interpretação em raiz muito ruim dessa passagem. Através do confronto dessa tese com a de outros classicistas do século XX, bem como com o próprio texto do diálogo platônico, a presente comunicação visa demonstrar a insustentabilidade da tese do estudioso inglês.